

Duelo de Titãs: a guerra comercial entre a China e os USA.

Edgard Leonardo Nery Meira Lima
www.edgardleonardo.com.br

É natural que no processo histórico, potências se substituam na liderança global, atualmente porém, nos deparamos com duas potências hegemônicas, China e Estados Unidos, que mais que simplesmente uma guerra comercial, objetivam estabelecer posições no tabuleiro da geopolítica internacional.

Ocorre que quando os Estados Unidos substituíram o Império Britânico como potência Ocidental, encontraram uma economia já combalida. E embora muitos fatores estivessem envolvidos no processo de declínio do “Império onde o sol nunca se põe”, podemos ressaltar a relevância das duas grandes guerras mundiais, pois embora o Reino Unido tenha saído vitorioso dos dois conflitos, o custo em ambos foi verdadeiramente elevado para coroa Britânica.

Após a Segunda Grande Guerra, o Reino Unido foi duramente afetado em sua economia, e encolheu aos poucos. Com pesadas perdas econômicas e humanas, Londres e outras cidades parcialmente destruídas pelos ataques alemães, o império se abatera. Diversos setores industriais estavam extintos, e o Reino Unido não era capaz de concorrer com outras grandes potências em ascensão, especialmente os Estados Unidos e o Japão.

No cenário atual, todavia, a China desponta como potência global e avança contra o território antes dominado pelos Estados Unidos, que, por sua vez encontra-se ainda saudável e responde aos avanços chineses com vigor.

Neste cenário, China e Estados Unidos sinalizam com uma guerra comercial com potencial de abalar a atividade econômica global.

O desenvolvimento econômico recente na China, ocorrido no bojo das reformas iniciadas com a Revolução Chinesa de 1949, e alavancado pelas reformas de Deng Xiaoping ao final dos anos 70, ensejam uma ideologia antagônica ao “American way of life”, e hoje é fato incontestável a posição que a República Popular da China ocupa no cenário internacional.

É necessário ressaltar, todavia, que analisar a economia chinesa é tarefa extremamente árdua, pois a China possui inúmeras especificidades,

idiosincrasias próprias do modelo chinês de crescimento econômico, pois são raras as análises disponíveis feitas por chineses residentes. Além do fato que o debate sobre os elementos envolvidos no desenvolvimento chinês é altamente contaminado por componentes ideológicos.

Fato é, que Donald Trump e sua política “America first”, alicerçada no fortalecimento da indústria americana em detrimento dos produtos importados, leia-se produtos chineses importados pelos Estados Unidos (e todo resto do mundo atualmente), fatalmente receberá, como já vem recebendo, respostas às suas ações.

Os chineses hoje são grandes consumidores de produtos norte-americanos, notadamente: automóveis (7,2% das exportações americanas em 2016), soja (9%), aeronaves (7,4%) e circuitos integrados (5,2%), salientando que circuitos integrados são o item mais importado pela China atualmente, além de outros de menor peso na pauta.

Os reflexos importantes de uma eventual crise, oriunda de uma guerra comercial, refletiriam em uma maior aversão ao risco no mercado financeiro mundial, com elevação dos prêmios e menor fluxo internacional de capitais.

Além de que, em um ambiente de escolhas limitadas pelas imposições de restrições ao comércio internacional, os produtos ficariam mais caros, o que geraria incerteza nas cadeias globais, induzindo a um efeito cascata em toda economia.

Muito embora, eventuais sanções chinesas, notadamente sobre a soja, ou suco de laranja americanos possam beneficiar a produção nacional, este seria apenas um benefício pontual, frente aos prováveis efeitos negativos procedentes de uma eventual guerra comercial, uma vez que o cenário resultaria em redução dos níveis da atividade econômica global, levando os países a um processo de fechamento ao comércio internacional e dificultando a recuperação de nossa economia em um momento de fragilidade.

Todavia a economia chinesa está mais exposta aos efeitos de uma guerra comercial, pois é mais dependente das exportações e tem nos Estados Unidos um parceiro importante, com um superávit comercial a favor da China, calculado em cerca de US\$ 347 bilhões por ano.

Isto explica os esforços de Pequim para frear uma guerra aberta com os Estados Unidos, pelo menos no curto prazo, ou até que a China possa desenvolver mercados alternativos para suas exportações.

Um detalhe, que foi exposto por Paul Krugman¹ recentemente, diz respeito as medidas inicialmente tomadas por Trump ao sobretaxar aço e alumínio, bens intermediários que cumprem seu papel como insumo nas indústrias norte-americanas, e muito embora o aumento das taxas possa aumentar o preço desses produtos internamente nos Estados Unidos e em uma análise superficial ampliar a produção interna, fortalecendo a indústria norte-americana. Uma observação mais acurada demonstra que na verdade o efeito é perverso para própria indústria norte-americana, uma vez que eleva os custos dos bens produzidos internamente, reduzindo sua competitividade global.

Mas o que realmente está por trás de uma eventual guerra comercial entre os Estados Unidos e a China? Além de uma eventual jogada política necessária ao fortalecimento do Presidente Trump, abalado por denúncias e que precisa dar respostas ao seu eleitorado, cumprindo promessas de campanha.

Talvez uma demonstração de força entre dois pugilistas que se encontram para pesagem antes da luta, se encaram. Mas a luta, provavelmente ainda não acontecerá hoje.

Edgard Leonardo Nery Meira Lima
www.edgardleonardo.com.br

Bacharel em Ciências Econômicas pela UFPE, Mestrado em Administração pela UFPE, Pós-graduado em Administração com Ênfase em Marketing pela UFRPE, Especialista em Comércio Exterior pela UFRPE, Especialista em Estudos Prospectivos pela CEPAL - ONU.

Com experiência em gestão de empresas privadas, é consultor, palestrante e professor em cursos de graduação e pós-graduação de diversas instituições de ensino superior. Membro fundador e pesquisador do CEURBE - Centro de Estudos Urbanos Estratégicos.

¹ Economista, vencedor do Nobel 2008 e professor da Universidade de Princeton.